

Seymour Martin Lipset 1922-2006

O Tocqueville da América moderna

A figura das suas análises sobre o “excepcionalismo” americano levou a que fosse muitas vezes definido como um moderno Tocqueville, mas a sua obra mais vasta sobre a democracia e sua relação com o desenvolvimento económico, ou sobre as raízes de regimes como o de Hitler, têm um carácter universal.



Um dia, já com mais de 80 anos, Seymour Martin Lipset pediu boleia a um seu aluno que tinha apenas um velho Subaru meio desconjuntado. O carro não pegou e o velho professor saiu calmamente do carro e, sem dar tempo para protestos, empurrou-o até este pegar. Esta pequena história, contada no blogue *windsofchange.net*, ilustra bem a forma descomprometida como o decano da ciência política nos Estados Unidos, e o mais citado dos autores, encarava a vida: sem peneiras, sem luxos, apenas com o rigor da sua franqueza intelectual. Esta história recordou-me o primeiro dos dois únicos encontros que tive com ele, num restaurante no centro político de Washington onde, sem mostrar qualquer preocupação, comeu um prato simples de esparguete e deixou que metade do molho lhe caísse sobre a camisola sem que tal o incomodasse. Pareceu sempre mais interessado na conversa do que na comida ou na forma como, depois, sairia para a rua.

Este homem, para muitos o melhor intérprete do que é realmente a América, morreu no passado dia 31 de Dezembro com 84 anos. Poucos deram por isso porque o respeito intelectual que inspirava era inversamente proporcional às paixões que suscitava. Filho de uma família de imigrantes judeus pobres, nasceu no bairro nova-iorquino de Harlem, cresceu no subúrbio pobre de Bronx e estudaria depois do City College de Nova Iorque, curiosamente o mesmo percurso que anos mais tarde faria Colin Powell, mas com uma diferença como ele próprio escreveu num artigo de 1996: enquanto o segundo seguiu a carreira militar, Lipset juntou-se ao grupo de intelectuais trotskistas de que saíam algumas das fi-

guras mais marcantes do pensamento político das últimas décadas do século XX nos Estados Unidos, como Daniel Bell, Nathan Glazer e Irving Kristol.

Apaixonado pela natureza excepcional da nação americana, que considerava “não ter sido definida por uma herança étnica, antes por uma espécie de revolução perpétua definida pela ideologia” (*windsofchange.net*), dedicou ao estudo dos seus hábitos, da sua cultura e do seu sistema político o essencial da sua vida. Livros como *Political Man*, *The First New Nation*, *Consensus and Conflict*, *American Exceptionalism: A Double-Edged Sword* ou *It Didn't Happen Here: Why Socialism Failed in the United States* defendem que o culto do individualismo e a ausência de uma estrutura de classes rígida eram dois dos elementos mais importantes do “excepcionalismo” americano. A finura das suas análises levou a que fosse muitas vezes definido como um moderno Tocqueville, mas a sua obra mais vasta sobre a democracia e sua relação com o desenvolvimento económico, ou sobre as raízes de regimes como o de Hitler, têm um carácter universal.

Politicamente tornou-se com o tempo um democrata moderado e nunca deixou o seu partido mesmo

Lipset, um dos patriarcas da ciência política ocidental, sustentou em 1959 que o comunismo, em vez de “etapa seguinte ao capitalismo” era um fenómeno característico de sociedades pré-industriais e pré-democráticas.

sendo visto como um dos primeiros neoconservadores. Inspirou Clinton e Gore na renovação de políticas promovida pelos “new democrats” e sentia-se bem no centro do espectro político. “Os moderados de cada lado gostam mais uns dos outros que dos membros mais extremistas dos seus partidos” disse, em Outubro de 2000, numa entrevista ao *Público*. E como ele era um desses moderados, a doença que o tocou pouco antes do 11 de Setembro impediu-o, por certo, de ser a voz sensata cuja falta se notou tantas vezes nos recentes debates azedos entre republicanos e democratas.

Um patriarca da ciência política

POR JOÃO CARLOS ESPADA

Seymour Martin Lipset, um dos patriarcas da ciência política ocidental, faleceu no dia 31 de Dezembro de 2006, com 84 anos. Foi o único académico a ocupar simultaneamente o cargo de presidente da American Sociological Association (1992-93) e da American Political Science Association (1979-80). Tendo sido professor das Universidades de Columbia, Stanford, Berkeley, Harvard e George Mason, era ultimamente Fellow da Hoover Institution, em Stanford. A sua vasta obra está publicada em mais de vinte línguas.

Num dos seus livros mais famosos, *Political Man* (1959), Lipset sustentou que a consolidação da democracia requer sólidas classes médias, com sentimento de segurança. Isso permite aos indivíduos traçar “planos de vida” com base na “gratificação diferida”. Contra as profecias marxistas, argumentou que as economias de mercado geram essas classes médias. E sustentou

que o comunismo, em vez de “etapa seguinte ao capitalismo” era um fenómeno característico de sociedades pré-industriais e pré-democráticas.

Em *The First New Nation* (1963), *American Exceptionalism* (2000) e *Porque não houve socialismo na América* (Quetzal, 2002), estas ideias foram desenvolvidas no estudo da especificidade “liberal” norte-americana. Elas foram subscritas por grandes nomes da academia ocidental, como Daniel Bell, Ralf Dahrendorf e Raymond Aron. E foram atacadas por críticos da sociedade aberta, como Sartre e Marcuse.

Membro fundador do Conselho Editorial da revista *Nova Cidadania*, Lipset esteve em Portugal em Abril de 1997. Falou no ciclo “A Invenção Democrática”, que organizei para a Fundação Mário Soares, e onde foi apresentado por Manuel Villaverde Cabral. Depois disso, voltou a Lisboa para ensinar no Instituto de Estudos Políticos da

Universidade Católica. A sua última contribuição entre nós teve lugar em Outubro de 2000, no VIII Encontro Internacional de Estudos Políticos. Trata-se de uma notável reflexão sobre as diferenças entre Direita e Esquerda na tradição ocidental (*Nova Cidadania* no 8, Abril/Junho 2001).

Conheci Martin Lipset há cerca de dez anos, em Washington, num memorável jantar em que os meus amigos Marc e Jacqui Plattner reuniram os casais Martin e Sydney Lipset (à esquerda) e Kristol-Himmelfarb (à direita). Passei a frequentá-los em sucessivos jantares animados. Martin Lipset era um conversador incansável. Diferentemente de Kristol-Himmelfarb, raramente exprimia opiniões. Sobre qualquer assunto, citava experiências de diferentes países e diferentes épocas. Depois sugeria possíveis correlações. Num ponto, todavia, era intransigente: na defesa da liberdade.